

Capacidade de Armazenamento de Grãos de Soja e Milho do Mato Grosso do Sul.

1. Introdução

O estado de Mato Grosso do Sul se consolida, safra após safra, como uma das principais potências do agronegócio brasileiro. Com uma produção crescente de soja e milho, que somadas ultrapassam 22 milhões de toneladas na média dos últimos cinco anos, a infraestrutura de armazenagem se torna um pilar estratégico para a sustentabilidade e competitividade do setor. A capacidade de estocar a produção de forma segura e eficiente não apenas garante a qualidade dos grãos, mas também oferece aos produtores maior flexibilidade para comercialização, permitindo que aproveitem melhores condições de mercado e evitem as pressões de venda no pico da colheita.

Este estudo tem como objetivo principal realizar um diagnóstico completo da capacidade de armazenamento de grãos em Mato Grosso do Sul, identificando os gargalos e as oportunidades para expansão. Para isso, foram utilizadas as seguintes fontes de dados.

Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB): Dados oficiais sobre a capacidade estática dos armazéns cadastrados no estado.

SIGAMS (Sistema de Informação Geográfica do Agronegócio): Informações detalhadas sobre a produção agrícola, incluindo dados georreferenciados que permitem análises espaciais precisas.

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO): Recomendações técnicas sobre o dimensionamento ideal da capacidade de armazenagem, que sugerem um acréscimo de 20% sobre o volume da produção para garantir uma margem de segurança operacional.

Através da análise integrada desses dados, este estudo busca oferecer um panorama detalhado do cenário atual, calculando o déficit ou superávit de armazenagem por município e para o estado como um todo. Além disso, serão realizadas análises espaciais para identificar as regiões com maior criticidade e os principais corredores logísticos, visando subsidiar a tomada de decisão de produtores, empresas e do poder público para futuros investimentos no setor.

2. Metodologia

A metodologia adotada neste estudo foi estruturada para fornecer uma análise abrangente da capacidade de armazenamento de grãos em Mato Grosso do Sul. A abordagem combina a análise de dados quantitativos, critérios técnicos internacionais e análises espaciais para gerar um diagnóstico preciso e detalhado.

A base de dados primária sobre a capacidade de armazenamento foi consolidada a partir de informações da CONAB e do SIGA/MS. Os dados foram submetidos a um processo de limpeza e validação, que incluiu a remoção de registros duplicados e a correção de coordenadas geográficas. A capacidade de cada unidade foi convertida para toneladas e agregada por município para permitir a comparação com os dados de produção.

Os dados de produção de soja e milho foram fornecidos pelo projeto SIGA/MS executado pela Aprosoja-MS. Foi calculada a produção total (soja + milho) para cada município e a média dos últimos cinco anos, que serviu de base para o cálculo da capacidade ideal de armazenamento.

Para avaliar a adequação da infraestrutura de armazenagem, foi adotada a recomendação da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). O critério da FAO preconiza que a capacidade ideal de um país ou região deve ser, no mínimo, 20% superior ao volume total da sua produção anual de grãos. Essa margem de 1,2 vezes a produção é necessária para absorver as variações de safra, permitir a segregação de produtos com diferentes qualidades, facilitar a logística de entrada e saída e garantir uma reserva estratégica que ofereça segurança alimentar e poder de negociação aos produtores.

O cálculo do déficit ou superávit de armazenamento foi realizado para cada um dos municípios de Mato Grosso do Sul e, posteriormente, para o estado como um todo.

Um resultado negativo indica um déficit de armazenamento, significando que a infraestrutura existente é insuficiente para atender à demanda recomendada. Um resultado positivo indica um superávit, sugerindo que há capacidade ociosa ou uma reserva estratégica adequada.

Para complementar a análise quantitativa, foram realizadas análises espaciais com o objetivo de visualizar a distribuição da infraestrutura de armazenamento e sua relação com as áreas de produção e a malha viária.

Essa abordagem metodológica integrada permite não apenas quantificar o

problema da armazenagem em Mato Grosso do Sul, mas também compreender sua dimensão espacial e logística, fornecendo subsídios essenciais para a formulação de estratégias e recomendações.

3. Análise da Capacidade de Armazenamento no MS

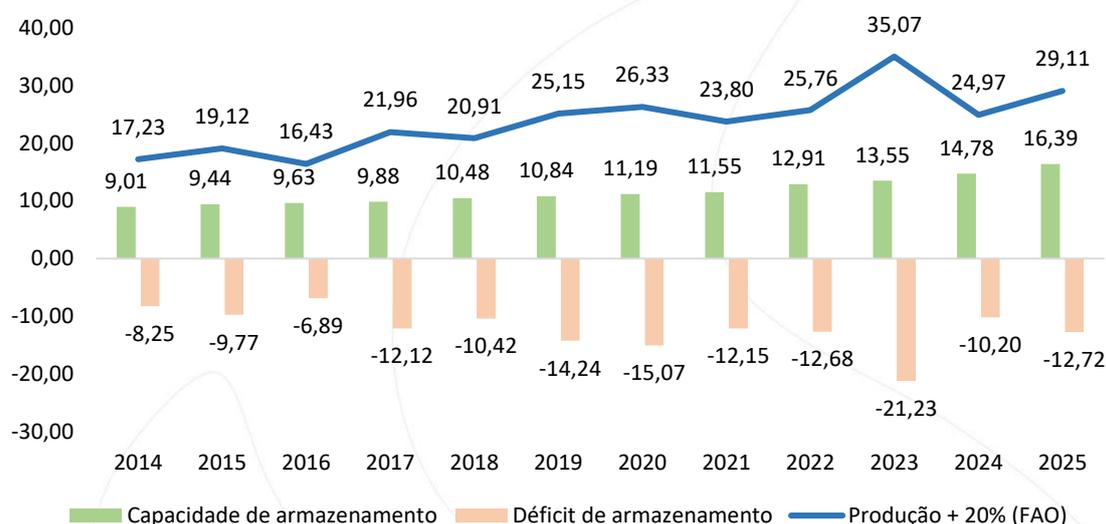
A análise da capacidade de armazenamento em Mato Grosso do Sul revela um cenário de grande contraste. Embora o estado possua uma infraestrutura robusta em algumas regiões, a análise detalhada dos dados, cruzando a capacidade estática com a produção agrícola e as recomendações da FAO, evidencia um déficit estrutural significativo que pode comprometer a competitividade do agronegócio sul-mato-grossense a médio e longo prazo.

3.1. Análise da Série Histórica de Armazenagem do MS

A análise da série histórica da capacidade de armazenamento no Mato Grosso do Sul, compreendendo o período de 2014 a 2025, oferece uma perspectiva temporal fundamental para compreender a evolução do déficit estrutural que caracteriza o setor no estado. Os dados revelam um cenário de crescimento descompassado entre a expansão da infraestrutura de armazenagem e o aumento da produção agrícola, evidenciando que o problema atual não é conjuntural, mas resultado de uma tendência consolidada ao longo de mais de uma década.

O gráfico 01 demonstra que a capacidade de armazenamento do estado apresentou um crescimento consistente, passando de 9,01 milhões de toneladas em 2014 para 16,39 milhões de toneladas em 2025, representando um aumento absoluto de 7,38 milhões de toneladas e um crescimento percentual de 82% no período. Este crescimento, embora significativo em termos absolutos, revela-se insuficiente quando confrontado com a dinâmica de expansão da produção agrícola estadual.

Gráfico 01. Histórico de produção, capacidade de armazenamento e déficit de armazenagem (mil ton.).



Fonte: CONAB/SIGA-MS

A produção de grãos, considerando o critério da FAO de acréscimo de 20% para dimensionamento ideal da capacidade, evoluiu de 17,23 milhões de toneladas em 2014 para 29,11 milhões de toneladas em 2025. Este crescimento de 69% na demanda por armazenamento, combinado com o crescimento de 82% na capacidade, poderia sugerir uma melhoria relativa do cenário. No entanto, a análise detalhada revela que o déficit absoluto se agravou significativamente ao longo do período.

Em 2014, o déficit de armazenagem era de 8,25 milhões de toneladas. Ao final do período analisado, em 2025, este déficit atingiu 12,72 milhões de toneladas, representando um aumento de 54% na defasagem absoluta. Este agravamento do déficit evidencia que, apesar dos investimentos realizados no setor, o ritmo de expansão da capacidade de armazenamento não conseguiu acompanhar o dinamismo do crescimento agrícola sul-mato-grossense.

O ano de 2023 marca um ponto crítico na série histórica, registrando o maior déficit do período, o qual foi de 21,23 milhões de toneladas. Este pico coincide com uma safra excepcional de grãos no estado, quando a produção atingiu níveis recordes. A magnitude deste déficit ilustra a vulnerabilidade do sistema de armazenagem diante de safras de alta produtividade, situação que tende a se repetir com maior frequência devido aos avanços tecnológicos e à expansão das áreas cultivadas.

A análise da tendência revela que o problema do déficit de armazenamento não apresenta sinais de reversão espontânea. Mesmo nos anos de 2024 e 2025, quando houve uma leve redução na produção em relação ao pico de 2023 devido a fatores climáticos adversos, o déficit permaneceu em patamares elevados, superiores a 12 milhões de toneladas.

3.2 Cenário Atual

A situação geral do estado, quando analisada sob a ótica da recomendação da FAO, é alarmante. Com uma produção média de 22,9 milhões de toneladas de soja e milho nos últimos cinco anos, a capacidade de armazenamento ideal para Mato Grosso do Sul seria de aproximadamente 27,5 milhões de toneladas. Atualmente o estado possui 1.037 unidades armazenadoras distribuídas por 65 municípios. No entanto, a capacidade estática total instalada no estado é de apenas 16,4 milhões de toneladas, resultando em um déficit total de 11,1 milhões de toneladas, o que representa uma defasagem de 67,8% em relação à necessidade recomendada.

Este déficit massivo indica que o estado consegue armazenar apenas uma fração de sua produção, forçando os produtores a escoarem os grãos imediatamente após a colheita, muitas vezes em condições de mercado desfavoráveis e com altos custos de transporte. A falta de capacidade de armazenamento local também aumenta a dependência de portos e terminais distantes, sobrecarregando a malha rodoviária e elevando os custos logísticos.

Tabela 01. Análise da capacidade de armazenamento dos municípios do Mato Grosso do Sul.

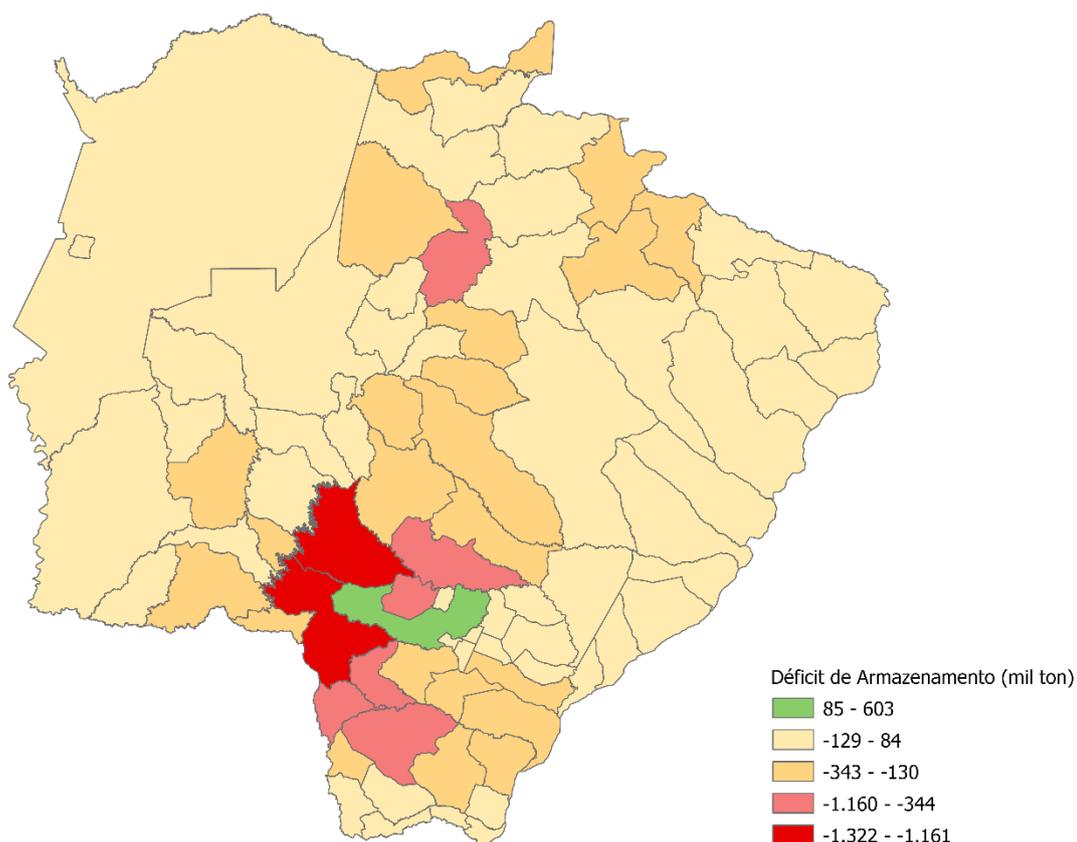
Municípios	Capacidade de Armazenamento (ton.)	Média das últimas 5 safras			FAO (+20%)	Déficit de Armazenamento
		Produção Soja (ton.)	Produção Milho (ton.)	Produção Soja + Milho (ton.)		
Maracaju	1.865.556	1.237.791	1.418.523	2.656.314	3.187.576	-1.322.020
Ponta Porã	982.190	1.006.995	778.912	1.785.907	2.143.089	-1.160.899
Rio Brilhante	633.552	516.662	528.309	1.044.971	1.253.966	-620.414
Aral Moreira	449.145	381.574	436.734	818.308	981.970	-532.825
São Gabriel do Oeste	812.858	533.907	543.605	1.077.512	1.293.014	-480.156
Itaporã	357.252	270.034	391.839	661.873	794.247	-436.995
Laguna Carapã	480.370	357.220	364.504	721.723	866.068	-385.698
Amambá	285.352	321.713	202.862	524.575	629.490	-344.138
Paraíso das Águas	137.280	339.320	31.181	370.501	444.601	-307.321
Nova Alvorada do Sul	159.400	217.626	154.345	371.971	446.365	-286.965
Costa Rica	578.417	373.641	327.639	701.279	841.535	-263.118
Naviraí	457.576	334.927	262.750	597.676	717.212	-259.636
Caarapó	617.807	316.772	402.963	719.735	863.682	-245.875
Sonora	252.221	254.305	149.190	403.495	484.194	-231.973
Jaraguari	4.750	157.530	35.629	193.159	231.791	-227.041
Campo Grande	408.184	377.159	151.221	528.380	634.056	-225.872
Bonito	225.515	218.340	156.440	374.780	449.736	-224.221
Bela Vista	83.323	164.623	87.643	252.266	302.719	-219.396
Chapadão do Sul	810.432	514.209	328.998	843.207	1.011.849	-201.417
Antônio João	108.050	157.858	98.031	255.890	307.068	-199.018
Bandeirantes	362.300	365.848	95.202	461.050	553.260	-190.960
Itaquiraí	128.998	164.446	96.345	260.791	312.949	-183.951
Iguatemi	21.670	121.755	46.348	168.103	201.724	-180.054
Juti	13.520	99.648	58.904	158.552	190.262	-176.742
Jateí	16.609	84.548	69.133	153.681	184.417	-167.808
Guia Lopes da Laguna	27.390	79.216	75.692	154.908	185.890	-158.500
Terenos	78.446	135.962	57.263	193.225	231.870	-153.424
Rio Verde de MT	2.400	103.917	15.827	119.744	143.693	-141.293
Sidrolândia	1.998.339	841.946	939.518	1.781.464	2.137.757	-139.418
Coronel Sapucaia	1.380	69.350	40.352	109.702	131.643	-130.263
Sete Quedas	91.666	91.738	85.143	176.881	212.257	-120.591
Anastácio	900	52.251	40.231	92.482	110.978	-110.078
Jardim	36.068	68.349	53.022	121.371	145.645	-109.577
Dois Irmãos do Buriti	0	50.970	38.185	89.156	106.987	-106.987
Camapuã	71.190	121.709	26.024	147.733	177.279	-106.089
Cassilândia	0	67.233	14.743	81.977	98.372	-98.372
Nioaque	0	47.113	30.684	77.796	93.356	-93.356
Alcinópolis	26.400	41.106	56.983	98.089	117.707	-91.307
Anaurilândia	64.580	99.108	30.665	129.773	155.728	-91.148
Paranhos	9.240	45.755	30.095	75.850	91.020	-81.780
Pedro Gomes	31.370	65.062	21.641	86.704	104.044	-72.674
Deodópolis	42.365	53.037	40.457	93.495	112.194	-69.829
Ribas do Rio Pardo	69.920	98.968	16.085	115.053	138.063	-68.143
Angélica	41.710	55.658	30.503	86.161	103.393	-61.683
Bodoquena	0	32.610	13.839	46.450	55.740	-55.740

Nova Andradina	172.710	140.233	49.498	189.731	227.677	-54.967
Rochedo	0	35.871	7.832	43.702	52.443	-52.443
Douradina	74.124	42.009	62.172	104.181	125.018	-50.894
Ivinhema	85.141	72.992	35.555	108.547	130.256	-45.115
Caracol	0	23.758	13.594	37.351	44.822	-44.822
Eldorado	62.008	56.900	30.199	87.099	104.519	-42.511
Coxim	72.149	51.543	41.877	93.420	112.104	-39.955
Rio Negro	18.000	28.864	17.643	46.508	55.809	-37.809
Glória de Dourados	0	18.184	10.793	28.976	34.772	-34.772
Batayporã	102.696	74.590	39.908	114.497	137.397	-34.701
Fátima do Sul	75.283	37.506	48.414	85.921	103.105	-27.822
Vicentina	23.254	22.023	19.410	41.434	49.720	-26.466
Taquarussu	6.934	18.451	8.317	26.768	32.122	-25.188
Santa Rita do Pardo	3.600	15.679	7.294	22.973	27.567	-23.967
Tacuru	87.178	60.906	30.760	91.666	110.000	-22.822
Japorã	0	13.595	3.734	17.328	20.794	-20.794
Miranda	30.510	36.166	5.742	41.908	50.289	-19.779
Corumbá	4.860	15.874	3.384	19.259	23.111	-18.251
Figueirão	6.300	14.244	3.672	17.917	21.500	-15.200
Novo Horizonte do Sul	60.145	35.914	24.871	60.785	72.942	-12.797
Paranaíba	0	7.970	2.653	10.624	12.748	-12.748
Água Clara	7.200	13.819	509	14.328	17.194	-9.994
Inocência	0	6.388		6.388	7.666	-7.666
Mundo Novo	35.264	24.008	11.571	35.580	42.696	-7.432
Aparecida do Taboado	0	2.692	1.570	4.262	5.114	-5.114
Corguinho	0	1.745	2.292	4.037	4.844	-4.844
Aquidauana	0	3.655	188	3.843	4.612	-4.612
Três Lagoas	4.740	2.930	1.136	4.066	4.879	-139
Selvícia	10.800	5.453	1.692	7.145	8.574	2.226
Brasilândia	17.308	6.954	265	7.219	8.663	8.645
Porto Murtinho	87.900	26.739	18.047	44.786	53.743	34.157
Bataguassu	146.994	35.358	16.822	52.180	62.616	84.378
Dourados	2.349.622	627.313	827.989	1.455.302	1.746.362	603.260
TOTAL	16.390.411	12.682.478	10.215.167	22.913.442	27.496.130	-11.105.719

Fonte: CONAB/SIGA-MS

A análise municipal revela que o problema do déficit de armazenamento é generalizado, afetando a grande maioria dos municípios produtores. Dos 78 municípios analisados, 73 apresentam déficit de armazenamento, enquanto apenas 5 possuem superávit. A situação é particularmente crítica nos maiores polos produtores do estado.

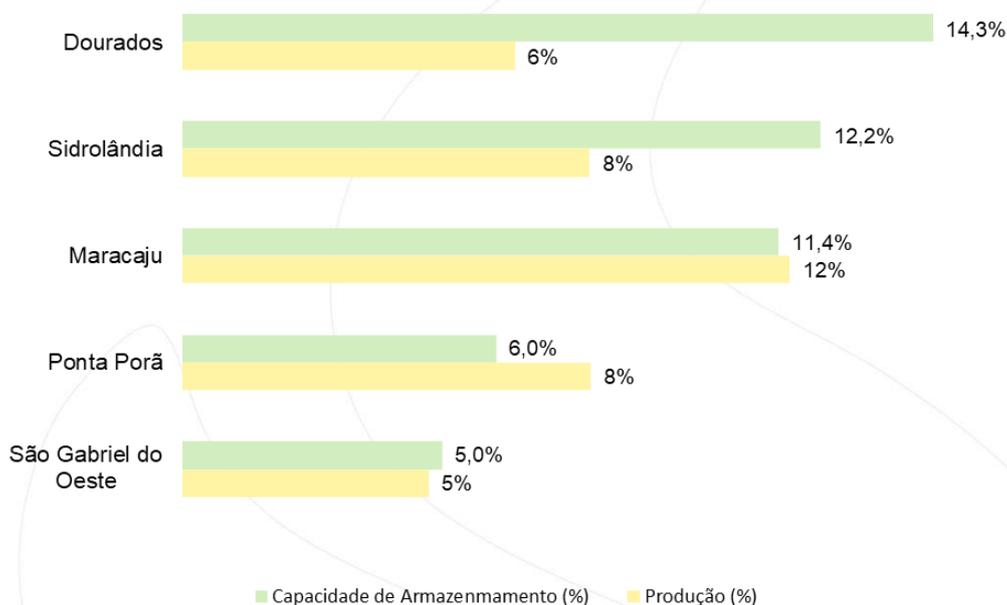
Figura 01. Capacidade de armazenamento dos municípios do Mato Grosso do Sul.



Fonte: CONAB/SIGA-MS

Maracaju, o maior produtor de grãos do estado, com uma média de 2,66 milhões de toneladas nos últimos cinco anos, possui uma capacidade de armazenamento de apenas 1,87 milhão de toneladas, resultando em um déficit de 1,32 milhão de toneladas. Ponta Porã, o segundo maior produtor, enfrenta um déficit de 1,16 milhão de toneladas. Outros municípios com déficits superiores a 400 mil toneladas incluem Rio Brilhante, Aral Moreira, São Gabriel do Oeste e Itaporã. No entanto, Dourados se destaca como o município com a maior capacidade de armazenamento, com 2,35 milhões de toneladas, sendo um dos poucos a apresentar superávit.

Gráfico 02. Top 5 municípios em capacidade de armazenamento e sua participação percentual no volume de produção estadual.



Fonte: CONAB/SIGA-MS

A concentração da capacidade de armazenamento também é um fator preocupante. Os 5 municípios com maior capacidade instalada detêm 49% da capacidade total, mas apenas 38% do volume de produção do estado. Isso reforça que muitas outras regiões produtoras carecem de infraestrutura adequada.

3.3. Projeções e Demanda Futura

O cenário tende a se agravar com as projeções de aumento da produção agrícola. Segundo a CONAB, a safra nacional de grãos deve atingir um recorde de 350,2 milhões de toneladas em 2025, um aumento de 16,3% em relação a 2024. Embora Mato Grosso do Sul tenha apresentado uma leve redução nas estimativas mensais recentes devido a fatores climáticos, a tendência de longo prazo é de expansão da área plantada e aumento da produtividade.

Se a capacidade de armazenamento não acompanhar o ritmo de crescimento da produção, o déficit atual se tornará ainda mais severo, limitando o potencial de

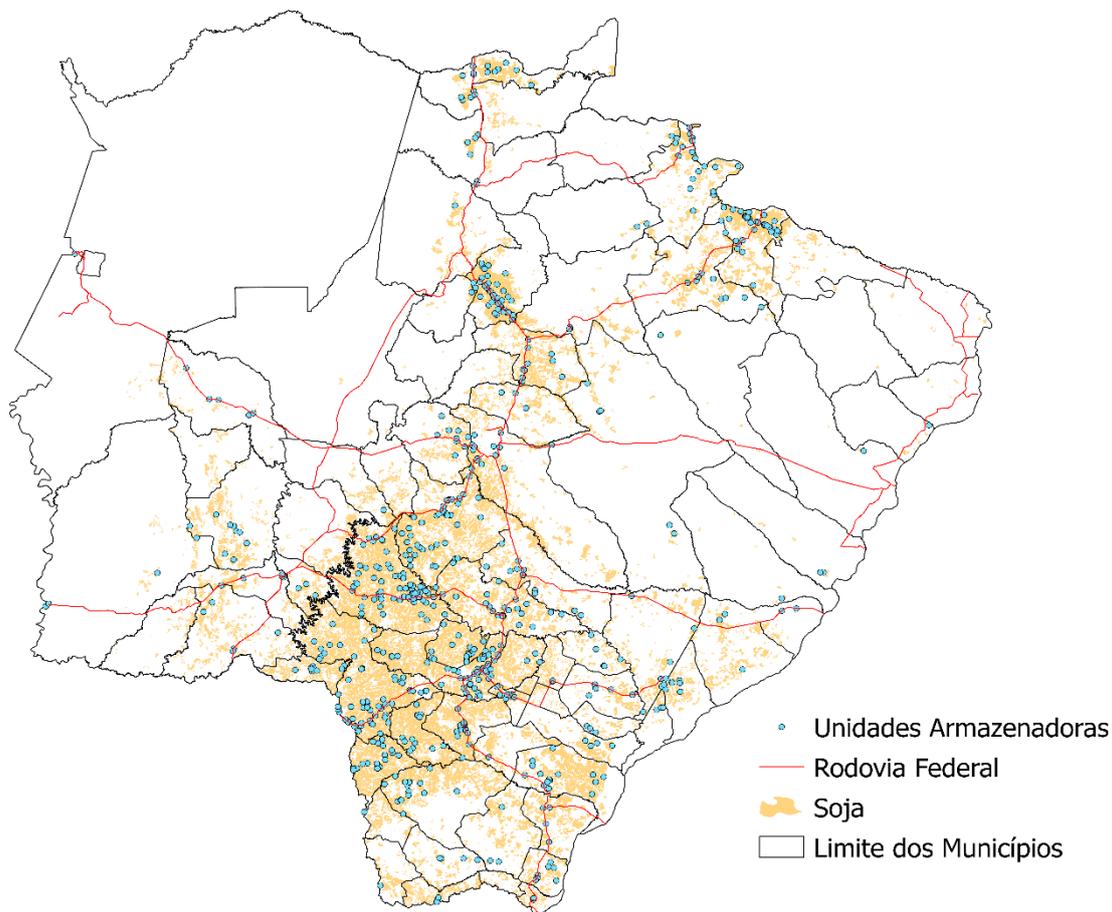
crescimento do agronegócio no estado. A manutenção do cenário atual, sem novos investimentos significativos em armazenagem, pode levar a perdas pós-colheita, aumento dos custos logísticos e redução da rentabilidade para os produtores.

4. Análise Espacial e Logística

A análise espacial da infraestrutura de armazenamento em Mato Grosso do Sul, combinada com a malha logística e as áreas de produção, revela padrões de concentração e vazios que são cruciais para entender os desafios do escoamento da safra. A distribuição geográfica dos armazéns não acompanha de forma homogênea a mancha agrícola, criando gargalos em regiões de alta produtividade e sobrecarregando os corredores logísticos.

Os materiais elaborados a partir dos dados georreferenciados permitem uma visualização clara da situação. O mapa de localização dos armazéns mostra uma forte concentração de unidades na porção sul do estado, especialmente ao longo da rodovia BR-163, que funciona como a principal espinha dorsal para o escoamento da produção. Ao sobrepor a localização dos armazéns com o mapa de uso e ocupação do solo (soja safra 2024/2025), fica evidente o descompasso entre produção e armazenagem. Regiões com grande expressão na produção de soja e milho, como Paraíso das Águas, Chapadão do Sul e Costa Rica, possuem uma infraestrutura de armazenamento que, embora relevante, ainda é insuficiente para atender à demanda local, gerando pressão sobre a logística regional.

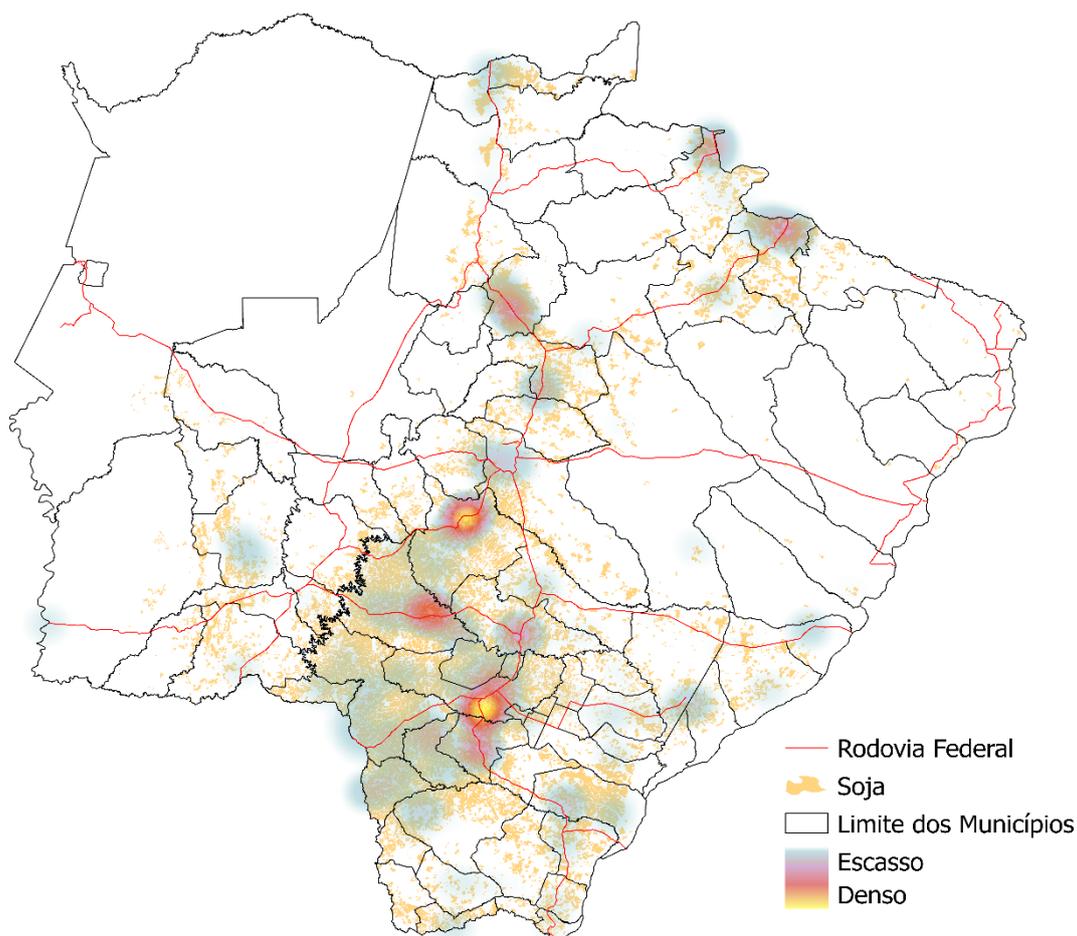
Figura 02. Localização das unidades de armazenamento de grãos no Mato Grosso do Sul.



Fonte: CONAB/SIGA-MS

O mapa de densidade da capacidade de armazenamento reforça essa percepção, destacando as regiões de Dourados, Maracaju e Sidrolândia como os principais polos de armazenamento do estado. No entanto, o mapa também evidencia a existência de vastas áreas produtoras com uma cobertura de armazéns significativamente menor.

Figura 03. Mapa de calor mostrando a densidade da capacidade de armazenamento no Mato Grosso do Sul.



Fonte: CONAB/SIGA-MS

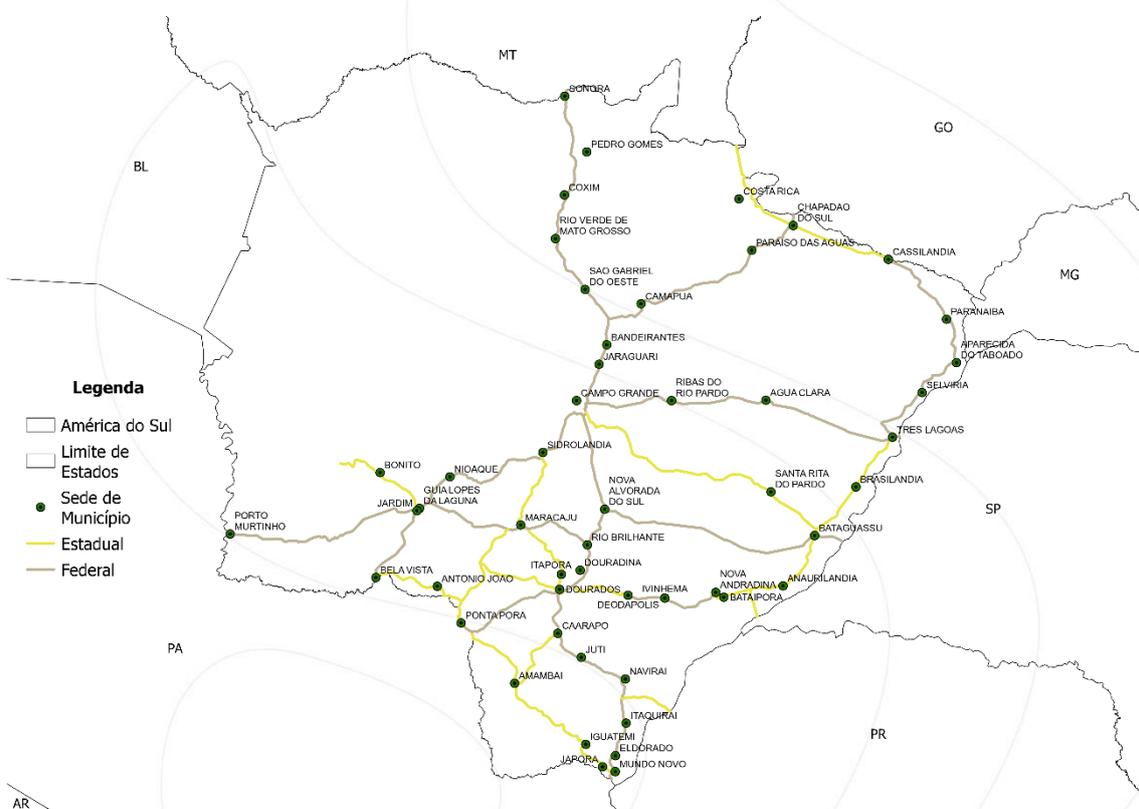
5. Acessibilidade e Corredores Logísticos

A malha viária de Mato Grosso do Sul, embora conte com importantes rodovias federais como a BR-163 e a BR-262, ainda apresenta desafios para o escoamento eficiente da safra. A análise da distância média entre as áreas produtoras e os armazéns indica que, em muitas regiões, os produtores precisam percorrer longas distâncias para estocar seus grãos, o que eleva os custos com frete e aumenta as perdas no transporte.

5.1 Rodovias

As principais rodovias identificadas: BR-163, BR-158, BR-267, BR-262, BR-060, MS-480, MS-487, MS-040, MS-156 e MS-306 constituem a espinha dorsal do sistema logístico estadual, conectando as regiões produtoras aos mercados de destino tanto para exportação internacional quanto interestadual.

Figura 04. Principais rodovias de escoamento de grãos do Mato Grosso do Sul.



Fonte: IBGE/APROSOJA-MS

Esta configuração rodoviária atual tem implicações diretas para a estratégia de armazenagem. A concentração do fluxo em corredores específicos, especialmente a BR-163 que atravessa o estado no sentido norte-sul, cria pontos de estrangulamento logístico durante o pico da safra. A análise desta malha rodoviária reforça a necessidade de armazéns estrategicamente posicionados ao longo destes corredores para otimizar o fluxo de cargas e reduzir os custos de transporte.

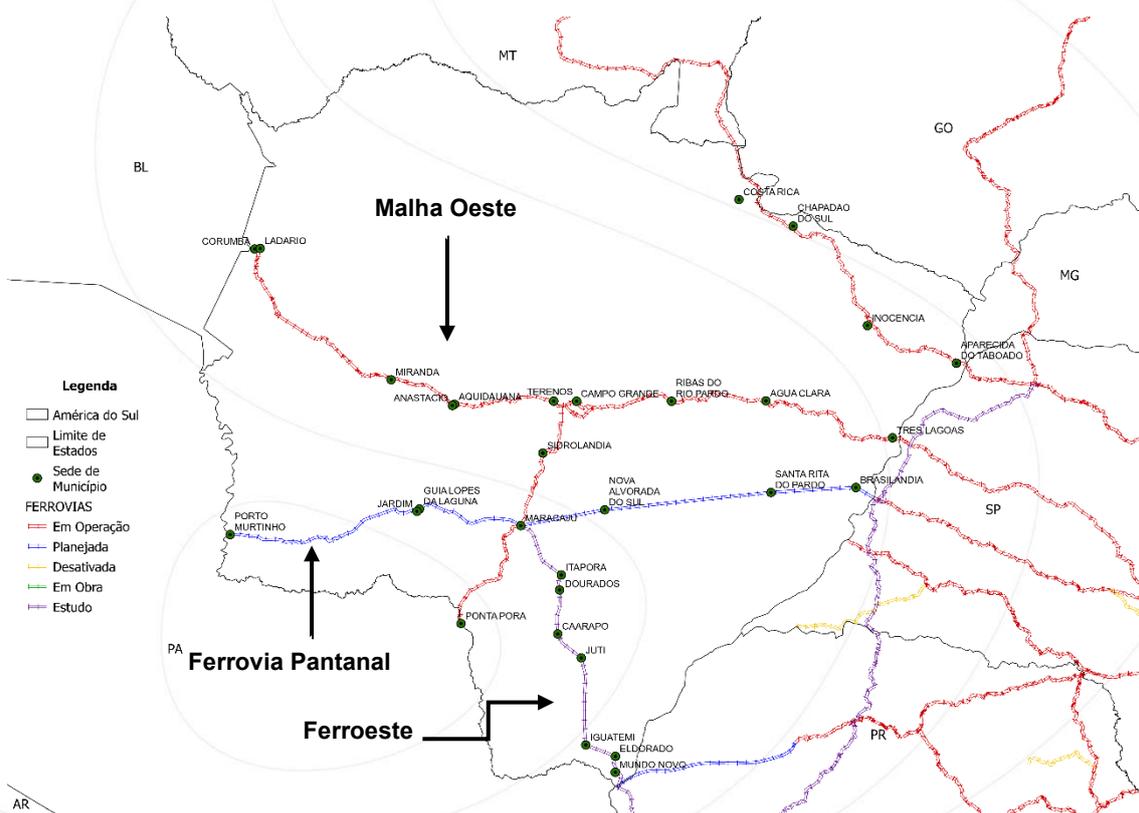
A dependência do modal rodoviário é um dos principais gargalos logísticos do

estado. A maior parte da produção é transportada por caminhões até os portos de Paranaguá (PR) e Santos (SP), em trajetos longos e onerosos.

5.2 Ferrovias

A reativação da malha ferroviária e o aproveitamento do potencial da hidrovia do Rio Paraguai são projetos estratégicos que podem diversificar a matriz de transporte, reduzir os custos logísticos e aumentar a competitividade dos produtos sul-mato-grossenses.

Figura 05. Ferrovias em operação e em planejamento.



Fonte: MINISTÉRIOS DOS TRANSPORTES/APROSOJA-MS

A nova concessão da malha Oeste promete retirar cargas pesadas da BR-262, incluindo madeira e minério de ferro, liberando capacidade rodoviária para outros usos. Mais importante para o setor de grãos, a malha será utilizada no corredor bioceânico, criando uma nova rota de exportação via portos chilenos.

A Ferrovia Pantanal quando concluída fomentará tanto o transporte de grãos quanto a importação de produtos asiáticos, criando um fluxo bidirecional que pode otimizar a utilização da infraestrutura. Esta perspectiva sugere oportunidades para armazéns que possam atender tanto à exportação quanto ao mercado interno.

O projeto Ferroeste promete facilitar o transporte de grãos para indústrias, subprodutos e exportação, criando uma alternativa ao corredor rodoviário tradicional via Paraná.

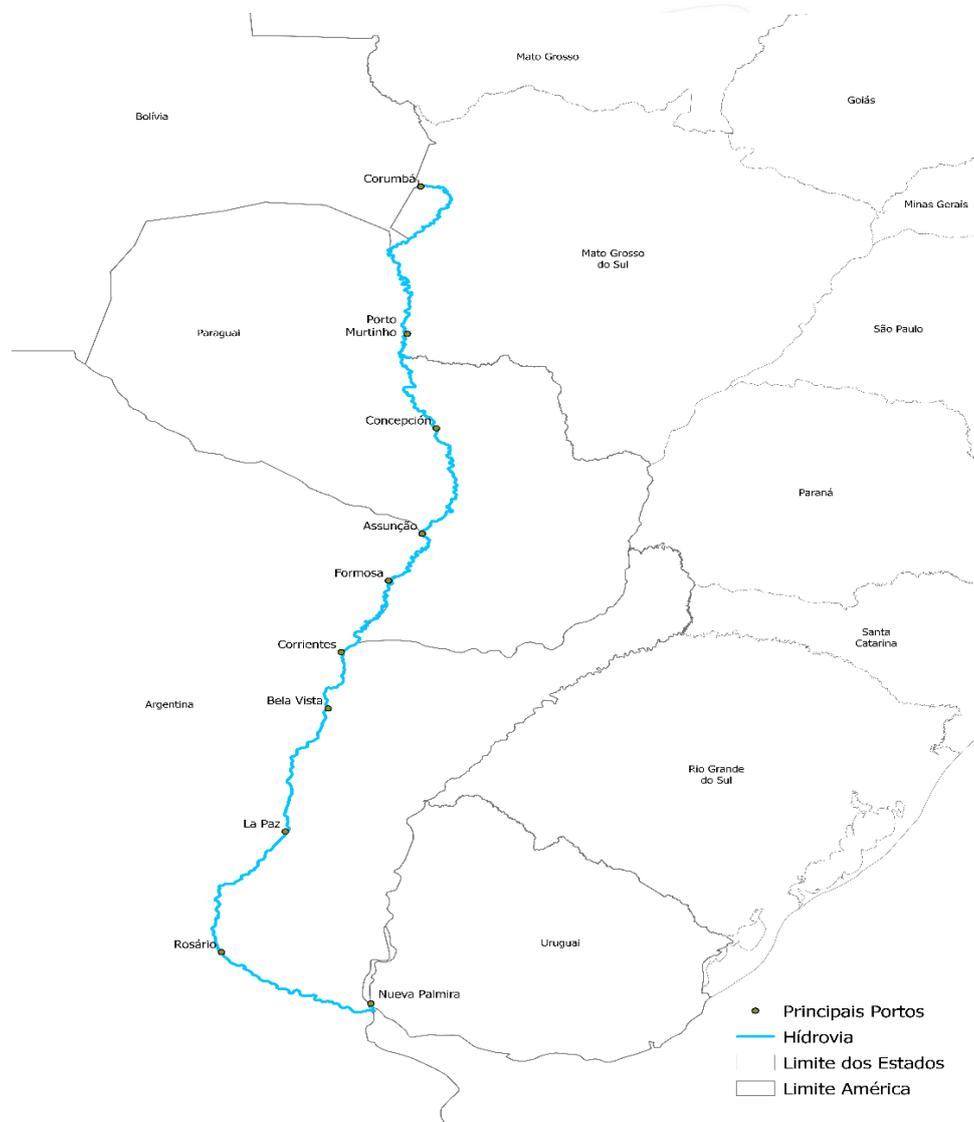
5.3 Hidrovias

O terminal de cargas no Rio Paraguai como uma alternativa estratégica para o escoamento fluvial de grãos. A hidrovia Paraguai-Paraná, com seus 4.122 km percorrendo cinco países (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai), representa uma oportunidade única para reduzir os custos logísticos e diversificar as rotas de exportação.

O terminal analisado, operado pelo Grupo FV Cereais, possui características técnicas relevantes para a estratégia de armazenagem, com uma capacidade estática de 50.000 toneladas e capacidade de fluxo de embarque de 1.000 toneladas por hora para soja, milho e açúcar. Estes números, embora significativos, são ainda modestos quando comparados ao volume total da produção estadual, indicando a necessidade de expansão desta infraestrutura.

A localização estratégica deste terminal no Rio Paraguai cria uma demanda específica por armazéns na região oeste do estado, particularmente próximos a Corumbá e Porto Murtinho. A sazonalidade da navegação na hidrovia dependente dos níveis do rio, o que torna ainda mais crítica a existência de capacidade de armazenamento adequada para formar cargas durante a janela de navegabilidade.

Figura 06. Trajeto do escoamento via Corumbá e Porto Murtinho



Fonte: MINISTÉRIOS DOS TRANSPORTES/APROSOJA-MS

5.4 Rota Bioceânica

A Rota Bioceânica, que conectará o estado aos portos do Chile, representa uma oportunidade única para reconfigurar a logística de exportação, abrindo acesso aos mercados asiáticos com custos e prazos de entrega potencialmente menores. No entanto, para que esses projetos se concretizem e gerem os benefícios esperados, é fundamental que a infraestrutura de armazenamento acompanhe esse desenvolvimento, garantindo a formação de cargas e o abastecimento contínuo dos novos corredores logísticos.

Esta análise multimodal reforça que o déficit de armazenagem identificado neste estudo não é apenas uma questão quantitativa, mas também qualitativa e espacial. A localização estratégica dos futuros armazéns deve considerar não apenas a proximidade das áreas produtoras, mas também o acesso aos diferentes modais de transporte, preparando o estado para a nova configuração logística que se desenha para os próximos anos.

6. Projeções de Crescimento e Custos Logísticos

As projeções da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) apontam para um crescimento contínuo da produção agrícola, o que pressionará ainda mais a infraestrutura existente. A safra brasileira 2025/26 de grãos deve superar 353 milhões de toneladas, com o Centro-Oeste respondendo por mais da metade desse volume. Mato Grosso do Sul, como quinto maior produtor nacional, seguirá essa tendência de expansão.

O custo logístico é um dos principais entraves à competitividade do agronegócio brasileiro. Estudos da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) mostram que os custos com transporte e armazenamento podem representar uma parcela significativa do preço final do produto. A dependência do modal rodoviário, a má conservação de muitas estradas vicinais e a distância dos principais portos encarecem o escoamento da produção do Centro-Oeste.

Artigos acadêmicos e estudos de consultorias especializadas corroboram a existência de gargalos estruturais na logística do agronegócio no Centro-Oeste. Um estudo da Revista de Economia e Sociologia Rural destaca que os custos logísticos no Brasil são significativamente mais elevados que os de concorrentes como Estados Unidos e Argentina, devido principalmente à ineficiência da matriz de transportes.

Segundo a Famasul, a integração dos modais (rodoviário, ferroviário e hidroviário) poderia reduzir em até 30% o custo logístico por tonelada transportada em Mato Grosso do Sul. Os investimentos previstos em projetos como a Rota Bioceânica e a hidrovia do Rio Paraguai, que somam mais de R\$ 13 bilhões, têm o potencial de gerar um retorno de R\$ 30 bilhões para o agronegócio do estado até 2030.

A falta de uma rede de armazenamento mais capilarizada e próxima às áreas de produção é apontada como um dos principais fatores que contribuem para a sobrecarga

do sistema logístico no período de safra. A construção de mais armazéns no interior não apenas reduziria as perdas pós-colheita, mas também permitiria um planejamento mais eficiente do transporte, diluindo o escoamento ao longo do ano e reduzindo a pressão sobre os fretes.

7. Cenários Possíveis

Na ausência de investimentos significativos em armazenagem, o déficit atual de 11,1 milhões de toneladas tende a se agravar progressivamente. Este cenário de estagnação desencadearia uma série de consequências negativas em cascata. O aumento das perdas pós-colheita comprometeria a rentabilidade dos produtores, enquanto a pressão concentrada sobre os fretes durante o pico da safra elevaria substancialmente os custos logísticos. A dependência excessiva do modal rodoviário se intensificaria, criando gargalos que reduziriam a margem de lucro dos produtores e, conseqüentemente, a competitividade do estado no cenário nacional e internacional do agronegócio.

Contudo, o fim do regime de paridade do ICMS em 2025, que permitia a isenção fiscal para cada tonelada exportada desde que uma quantidade equivalente fosse industrializada no estado, representa uma mudança estrutural significativa no mercado de soja sul-mato-grossense. Com o término deste incentivo à industrialização local, o mercado se abriu para um maior número de compradores interessados na exportação direta de grãos. Esta nova dinâmica comercial cria oportunidades para a expansão da rede de armazenagem, uma vez que mais empresas exportadoras podem se interessar em estabelecer ou ampliar suas operações no estado. A maior concorrência entre compradores também pode estimular investimentos privados em infraestrutura de armazenagem, visando garantir o suprimento regular de produtos para exportação e aproveitar as oportunidades de arbitragem temporal nos preços.

Portanto, o cenário mais promissor emerge da convergência entre a abertura do mercado e um plano coordenado de investimentos em armazenagem. Neste contexto, a expansão da capacidade estática seria direcionada estrategicamente para as regiões de maior déficit e os principais corredores logísticos, criando uma rede integrada e eficiente. A ampliação planejada da infraestrutura de armazenagem proporcionaria aos produtores maior flexibilidade na gestão comercial de suas safras, reduzindo significativamente as perdas pós-colheita e otimizando o aproveitamento da

infraestrutura de transporte existente. Quando alinhado aos grandes projetos logísticos em andamento, como a Rota Bioceânica, Nova Ferroeste e a hidrovia do Rio Paraguai. Este cenário posicionaria Mato Grosso do Sul como um dos eixos mais eficientes e competitivos do agronegócio brasileiro, capaz de atender tanto ao mercado doméstico quanto às crescentes demandas internacionais com custos reduzidos e maior agilidade operacional.

8. Conclusão

Este estudo detalhado sobre a capacidade de armazenamento de grãos em Mato Grosso do Sul evidencia um desafio estrutural que precisa ser enfrentado com urgência para garantir o futuro do agronegócio no estado. O déficit de mais de 11 milhões de toneladas, calculado com base nas recomendações da FAO, revela uma defasagem crítica entre a crescente produção agrícola e a infraestrutura disponível para estocá-la.

A análise demonstrou que o problema é generalizado, afetando a maioria dos municípios produtores e se mostrando particularmente severo nos grandes polos agrícolas como Maracaju e Ponta Porã. A concentração da capacidade de armazenamento em poucas regiões e a forte dependência do modal rodoviário agravam o cenário, elevando os custos logísticos e reduzindo a competitividade dos produtos sul-mato-grossenses.

No entanto, o estudo também aponta para um horizonte de oportunidades. Os grandes projetos de infraestrutura em andamento, como a Rota Bioceânica, a Nova Ferroeste e a hidrovia do Rio Paraguai, têm o potencial de transformar a logística do estado, abrindo novos mercados e reduzindo custos. Para que esses benefícios se concretizem, é fundamental que a capacidade de armazenamento seja expandida de forma estratégica, alinhada a esses novos corredores.

A priorização de investimentos em municípios críticos, a melhoria da infraestrutura intermodal e a criação de políticas de incentivo, oferecem um caminho para superar os gargalos atuais. A superação do déficit de armazenagem não é apenas uma questão de infraestrutura, mas uma condição essencial para que Mato Grosso do Sul consolide seu protagonismo no cenário do agronegócio nacional e internacional, gerando mais renda, emprego e desenvolvimento sustentável para o estado.

Referências Bibliográficas

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Armazenagem**: Consulta de Armazéns Cadastrados. Brasília, 15 jul, 2025. Disponível em: <https://consultaweb.conab.gov.br/consultas/consultaArmazem.do?method=acaoCarregarConsulta>

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Notícias**: Produção de grãos atinge novo recorde com 350,2 milhões de toneladas colhidas na safra 2024/25. Brasília, 11 set, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/assuntos/noticias/producao-de-graos-atinge-novo-recorde-com-350-2-milhoes-de-toneladas-colhidas-na-safra-2024-25>

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Notícias**: “Perspectivas” da Conab aponta para uma produção de grãos na safra 2025/26 de 353,8 milhões de toneladas. Brasília, 18 set, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/assuntos/noticias/201cperspectivas201d-da-conab-aponta-para-uma-producao-de-graos-na-safra-2025-26-de-353-8-milhoes-de-toneladas>

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA); ESALQ-LOG. **Diagnóstico da Armazenagem Agrícola no Brasil**. Brasília: CNA, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/noticias/pesquisa-inedita-mostra-realidade-da-armazenagem-no-brasil>

CORREA, V. H. C.; RAMOS, P. **A precariedade do transporte rodoviário brasileiro para o escoamento da produção de soja do Centro-Oeste: situação e perspectivas**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 48, n. 02, p. 447-472, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/fHcwXDwRQjSNsp44JL34QhD/?lang=pt>

SISTEMA FAMASUL. **MS projeta retorno de R\$ 30 bilhões ao agro até 2030 com investimentos logísticos**. Campo Grande, 30 jul, 2025. Disponível em: <https://portal.sistemafamasul.com.br/noticias/ms-projeta-retorno-de-r-30-bilh%C3%B5es-ao-agro-at%C3%A9-2030-com-investimentos-log%C3%ADsticos>

Elaboração

Gabriel Balta dos Reis – Eng. Agrônomo
Coordenador Técnico
e-mail: coordtecnico@aprosojams.org.br

Mateus Fernandes – Economista
Analista de economia
e-mail: economia@aprosojams.org.br

Dany Correa do Espírito Santo – Eng. Agrônomo
Coordenador de Campo
e-mail: coordcampo@aprosojams.org.br

Flávio Aguenta - Eng. Agrônomo
Assessor Técnico Interno
e-mail: tecnico@aprosojams.org.br

Lucas Almeida - Eng. Agrônomo
Técnico Interno
e-mail: tecnico1@aprosojams.org.br

Equipe de Campo

<i>Aldinei Corrêa</i>	<i>José dos Santos</i>
<i>Adriana Freitas</i>	<i>Luan Aparecido</i>
<i>Alexandre Soares</i>	<i>Patrícia Vilela</i>
<i>Diego Batistela</i>	<i>Davi Sacamota</i>
<i>Geizibel Gomes</i>	<i>Wesley Vieira</i>
<i>Jaqueline Alves</i>	<i>Nairine Ferreira</i>

Comunicação e Marketing

Crislaine Oliveira – Jornalismo
Analista de comunicação
e-mail: comunicacao@aprosojams.org.br

Emily Cristini – Design Gráfico
Assistente de comunicação
e-mail: criacao@aprosojams.org.br

Ana Carolina Lescano – estagiária de comunicação

Joélen Cavinatto – Sinuelo Agrocomunicação
e-mail: comunicacao1@aprosojams.org.br

Diretoria Executiva

Diretor Presidente – Jorge Michelc
Vice-presidente – Andre Dobashi
1º Diretor Administrativo - Paulo Stefanello
2º Diretor Administrativo – Pompilio Silva
1º Diretor Financeiro – Fábio Caminha
2º Diretor Financeiro – Malena May

Conselho Consultivo

Juliano Schmaedecke
Christiano Bortolotto
Maurício Koji Saito
Almir Dalpasquale
Andre Dobashi

Diretores Regionais

Lucio Damália
Geraldo Loeff
Eduardo Introvini
Diogo Peixoto da Luz

Secretaria Executiva

Teresinha Irene Rohr – Coordenadora Contábil
Tallisson Tauan Almeida – Gerente Institucional
Assessoria Institucional
Kelson Ventura - Administrativo
Raissa Santana – Assistente Administrativo

Conselho Fiscal

Luciano Muzzi Mendes
Sérgio Luiz Marcon
Thaís Zenatti
Luis Alberto Moraes Novaes
Gervásio Kamitani
Fabio Carvalho Macedo